

Os estudos acadêmicos de literatura: uma experiência constitutiva¹

*Eunice T. Piazza Gai**

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão sobre o tema dos estudos acadêmicos de literatura. Embasa-se na leitura de diversos autores, tais como Platão, Vygotsky, Compagnon, Palmer, Bruner, Secchieri, entre outros. Defende a ideia de que é necessário rever as práticas acadêmicas que consideram os textos literários de um ponto de vista exógeno. Em contrapartida, seria preferível que os estudos de literatura se voltassem para as questões da sua natureza intrínseca, ou seja, que ocorressem, a partir da reflexão sobre a especificidade do conhecimento por ela veiculado e sobre as possibilidades de constituição de sentido propiciadas pelo trabalho hermenêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Hermenêutica; Conhecimento; Sentido

ABSTRACT

This article focuses on the theme of the literature academic studies. The reading of authors such as Plato, Vygotsky, Compagnon, Barthes, Bruner, Heidegger, Secchieri among others bases it. The article advocates the idea that it is necessary to review the academic practices, which consider literary texts on an exogenous point of view. However, it would be preferable that the studies of literature were turned to the issues of their nature. They should occur based on the specificity of knowledge conveyed and on the possibilities of sense formation offered by the hermeneutic work.

KEYWORDS: Literature; Hermeneutics; Knowledge; Sense

¹ O texto que segue apresenta algumas questões norteadoras da minha prática acadêmica nos últimos anos, no âmbito dos estudos de literatura na graduação e na pós-graduação. O tema do conhecimento associado à literatura faz parte das reflexões teóricas desenvolvidas na disciplina de Estética e conhecimento, ministrada no PPGL-UNISC desde 2005. Já a questão da Hermenêutica passou a fazer parte dos meus estudos desde 2006, quando realizei um estágio de pós-doutorado na Università Del Salento, na Itália, sob a orientação do professor Carlo Augieri. Trata-se de um texto em construção, que retoma ideias já desenvolvidas em outros momentos, mas avança, revisa, aprimora conteúdos e conceitos, propõe novos enfoques à medida que outros autores e leituras entram em cena. A intenção que o perpassa é a da reescritura.

*Doutora em Letras pela PUCRS, professora do Departamento e do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Santa Cruz do Sul. Rio Grande do Sul. Brasil. piazza@unisc.br.

Considerações iniciais

A pauta sobre os problemas que envolvem o ensino de literatura hoje é ampla e polêmica. Ocorre que a perspectiva a partir da qual a literatura é concebida é tão variada quanto o número de professores que a abordam. Em termos gerais, os posicionamentos divergem em dois sentidos: ora acentuando um caráter teórico-científico, ora voltando-se para um subjetivismo permissivo em que predomina a superficialidade. A institucionalização da literatura é outro ponto difícil de entender e de explicar, porquanto permite uma prática questionável em relação a critérios e valores a respeito do que é pertinente e digno nesse campo. Além disso, entre nós, os professores que atuamos na área, e emitimos pareceres de aprovação de projetos ou artigos, por exemplo, reina um amplo desacordo. Tudo pode ser válido, ou não, e isso depende, em boa parte das vezes, de premissas alheias ao conteúdo propriamente literário. Em muitos casos, depende do ponto de vista ou da linha de pesquisa de cada um. Não são poucos os exemplos em que um mesmo projeto ou artigo recebe elogios de um parecerista e é rechaçado por outro. Que área insana é essa, em que não se dá o mínimo acordo?

É possível notar, também, uma diminuição dos espaços dedicados à literatura no próprio âmbito dos cursos de Letras, ocorrendo a mesma coisa em outros espaços, tais como o das provas oficiais, em que a literatura aparece sob estranhos auspícios de interdisciplinaridade. Nos últimos anos, as disciplinas de literatura mínguem a cada mudança de currículo. E, todavia, a despeito de todos esses fatores, inclusive dessa nomeada crise enfrentada pela área na academia, com diminuição de carga horária e de representatividade, a literatura continua sendo cultivada em outros contextos, em outros suportes. Além disso, ela faz parte de um expressivo campo de estudos em que dialogam disciplinas tais como a Psicanálise, o Direito, a História, frequentemente com papel de protagonismo.

Não pretendo aprofundar essas questões, apesar de reconhecê-las, tampouco proponho alguma forma de aplicabilidade. Volto-me, antes, para a reflexão teórica que aponta para a necessidade de repensar ou de recolocar questões que desde sempre fizeram parte do escopo da atividade literária. É necessário refletir sobre o papel da literatura, sobre a sua relação com outras disciplinas, sobre a sua natureza intrínseca, principalmente, porque tais temas costumam ser considerados de modo muito diferente

conforme as épocas. Através dessa reflexão, julgo que é possível trazer a literatura ao alcance dos estudantes que começam, então, a encontrar algum sentido no que leem.

Assim, em uma reflexão teórica sobre a abordagem do texto literário, atividade fundamental de quem atua nessa área, considero, em princípio, que é necessário ultrapassar os estreitos limites acadêmicos que insistem ou em tratar a obra como exemplo de determinado período literário, ou em aprisioná-la em uma visão teórica e obrigá-la a significar, ou ainda, em utilizá-la como pretexto para outras práticas da área de letras. A partir de leituras e reflexões embasadas em diversos autores da atualidade, tais como Platão, Compagnon, Vygotsky, Palmer, Bruner, Heidegger, Secchieri, entre outros, concebo como essencial que os estudos de literatura se efetivem a partir dos seguintes pressupostos: a literatura, a arte literária é uma forma específica de conhecimento; a abordagem hermenêutica pode fornecer caminhos para a busca de sentido em relação aos textos e à vida.

1 Literatura e conhecimento

A questão do conhecimento associado aos textos ficcionais, a primeira das premissas aqui referidas, pode ser equacionada da seguinte forma: há uma espécie de conhecimento vinculado às narrativas ficcionais; mas não é o conhecimento em sentido amplo, ou relacionado a algum sistema filosófico particular. Não se trata do conhecimento conceitual, histórico-real, que deve ser procurado no interior do texto literário, mas um outro, que será melhor explicitado ao longo deste texto.

Cito a seguir alguns autores que contribuem para a reflexão em torno da ideia de conhecimento vinculado à arte literária. Para Palmer (2011, p. 233), é uma espécie de pobreza considerar a compreensão em termos de conhecimento conceptual, pois este leva a análises que em nada contribuem para experimentar o poder que uma obra literária tem de nos falar.

Vygotsky (2004) considera um equívoco psicológico nocivo à educação o fato de entender a educação estética como um meio de ampliação de conhecimento dos estudantes. Refere-se a concepções que admitiam que os objetivos estéticos eram menos de ordem moral e mais de caráter social e cognitivo. Segundo o autor, a obra de arte não reflete a realidade em sua verdade real e, por isso, não deve ser meio para adquirir conhecimentos sobre a realidade, os fatos.

Para Platão, também não é lícito buscar o conhecimento sobre os fatos em si, ou a ciência, ou a medicina, por exemplo, em textos de natureza ficcional. Portanto, conforme os autores, é possível deduzir que não é o sentido usual, em referência ao aspecto conceitual, que a palavra conhecimento possui, não só no senso comum, como no âmbito científico, que poderia ser aplicado ao estudo da literatura ficcional. Trata-se de uma forma de conhecimento específica, subjetiva, incerta, talvez, mas, ainda assim, conhecimento. A seguir, algumas possibilidades de caracterização desse tipo de conhecimento.

O primeiro autor de que temos diversas e reiteradas reflexões a respeito do conhecimento vinculado à arte literária foi Platão. Para ele, trata-se de um conhecimento intuitivo, inspirado, divino. Os poetas não sabem o que fazem, fazem-no por intermédio de um sopro divino. A *Apologia de Sócrates* e *Íon* apresentam a ideia de que a arte é inspiração. No primeiro texto, ao defender-se o filósofo da condenação à morte que lhe havia sido imputada pelos atenienses, explicando e ao mesmo tempo argumentando sobre as razões de sua conduta questionadora em relação ao conhecimento, observa que procurou entre todas as categorias de profissionais, saber o que é que eles sabiam. Refere-se aos poetas trágicos, considerando que não faziam por sabedoria o que faziam, mas por “certa natural inclinação e intuição”, tal como os adivinhos e vates, que embora digam muitas e belas coisas, não sabem nada daquilo que dizem.

No livro *Íon*, Platão apresenta a narrativa de um rapsodo que declama Homero e se sente inspirado sempre que o faz. A habilidade de Íon não se baseia em conhecimento ou ciência, mas ocorre por divina inspiração; esta, em primeiro lugar, atinge os poetas criadores, mas depois atinge o rapsodo e depois os que o ouvem, numa espécie de cadeia.

Na tradição cultural, essa ideia foi seguidamente retomada. Lembro aqui da estética romântica, que já foi suficientemente estudada e em geral criticada no contexto da crítica e da criação contemporâneas por avalizar semelhante concepção. Hodiernamente, prefere-se, mas não de forma unânime, atribuir ao árduo trabalho do artista o resultado de uma obra criativa. Entretanto, a ideia da inspiração não pode ser descartada. O filósofo J. Hessen refere-se à obra artística como resultado da inspiração, ou da intuição e assim se manifesta em seu livro *Teoria do conhecimento*: “A interpretação do mundo feita pelo artista provém tão pouco do pensamento puro quanto a concepção de mundo do homem religioso. Também ela deve sua origem muito mais à vivência e à intuição” (HESSEN, 2000, p. 11).

Outra forma de buscar uma caracterização da especificidade de conhecimento veiculada pela literatura pode ser encontrada em Vygotsky, para quem a literatura é capaz de mobilizar os indivíduos quando se trata de suas aspirações mais íntimas. Não fica claro que tipo de conhecimento ocorre com os indivíduos que, a partir de determinada narrativa, reagem, mobilizam-se surpreendentemente. Mas algo ocorre com o menino, personagem de um conto de Tchecov, que deixa de fumar após ouvir uma narrativa de seu pai que contemplava os malefícios de semelhante hábito. Ocorre que o menino havia sido exortado a deixar de fumar de muitas maneiras, enérgicas, argumentativas etc. e nada o convencera. Isso, todavia não deve ser tomado como projeto moralista no âmago da literatura. Pois, é o mesmo Vygotsky que faz referência ao fato de que as crianças, em geral, preferem a cigarra à formiga, na famosa fábula que, em sua perspectiva moral, deveria defender a ética do trabalho em detrimento do lazer ou do gozo. Isso significa que a mobilização provocada pela narrativa pode não ser aquela esperada pelos sistemas estabelecidos em termos de moral ou pelos ditames científicos e do conhecimento. Poder-se-ia dizer que se trata de um tipo de tomada de consciência que leva a alguma forma de ação, uma atitude psicológica.

Nesse ponto, também cabe citar Bruner (1997), que aponta outro elemento constitutivo do conhecimento associado ao literário, mais especificamente, às narrativas. O autor discorre sobre o fato de a narrativa ser um modo essencial de formação, de educação dos seres humanos. Observa que é comum as escolas tratarem a arte narrativa como algo mais decorativo do que necessário, algo para passar o tempo, ou, em alguns casos, com a veiculação de alguma lição e exemplo moral. Entretanto, para ele, é através das narrativas que são construídas as origens culturais de um povo, a sua forma de ser e de se reconhecer. As crenças, as coisas que nos ocorrem cotidianamente, a história pessoal, tudo passa pela narrativa. É a percepção de si, da cultura, das crenças, de tudo o que constitui os seres humanos outra forma a que é possível vincular o tema do conhecimento específico associado à arte de narrar.

Ainda nessa linha, Ceserani (2002), comentando autores da ciência, como Stephen Gould, que sustenta que a necessidade de narrar faz parte da natureza mesma do ser humano, ratifica a importância da narrativa na constituição da individualidade humana e ressalta o fato de que o reconhecimento científico disso vem conferir um estatuto diferente, dá maior significação à literatura.

O conhecimento próprio dos textos narrativos tem a sua especificidade ligada à busca de sentido que é intrínseca a todos os seres humanos e cuja realização, em todas

as tradições, ocorre nas práticas de narrar. A arte de contar histórias pode ser considerada uma das mais antigas formas de comunicação entre os homens. Forster refere que o Homem de Neanderthal, por sua estrutura craniana, já se tornara um contador de histórias: “A audiência primitiva era uma audiência de cabeludos, bocejando ao redor do fogo, fatigada das contendas contra o mamute ou o rinoceronte peludo [...]” (FORSTER, 1974, p. 20).

Outro aspecto relacionado ao conhecimento propiciado pela literatura, é a experiência. Pela sua constituição, pela sua especificidade, a arte literária aproxima-se da experiência vivida e, por isso, constitui um valioso material para o estudo da natureza humana, das condições históricas, das formas de construir sentidos, do autoconhecimento. Para Palmer:

Compreender uma obra é experienciá-la. E a experiência não é um subesquema no interior do contexto da dicotomia sujeito-objeto; não é um tipo de conhecimento ahistórico, atemporal, abstrato, fora do tempo e do espaço, onde uma consciência vazia e não localizada recebe uma configuração de sensações ou de percepções. A experiência é algo que acontece aos seres humanos possuidores de vida e de história (PALMER, 2011, p. 233).

Segundo o autor, a experiência não constitui um objeto, mas participa de um modo invisível em todos os eventos da compreensão. Aquela possui um elemento de negatividade, que contraria as expectativas. Através da experiência aprendemos o que não sabíamos. Para ele, na interpretação literária, a lição que colhemos da estrutura da experiência é mantermo-nos sensíveis ao fato de que as suas dimensões ultrapassam toda a conceptualização (PALMER, 2011, p. 234). Além disso:

A experiência possui um caráter englobante e não objetificável. A experiência não segue o modelo de resolução de um problema no interior de um sistema; é o meio de sair do sistema, o meio de uma transcendência criativa, é o abalar do sistema. Quando encontramos uma obra de arte ou de literatura verdadeiramente grandes, transformamos a nossa compreensão; vemos a vida com uma nova frescura... mas essa frescura escapa a um olhar analítico (a que poderíamos chamar de cegueira analítica) (PALMER, 2011, p. 234-235).

Assim, a ideia de relacionar a experiência ao conhecimento não vem em socorro de uma necessidade metodológica. Afinal, descrever a experiência apenas é sempre uma tarefa pouco produtiva. A relação do tema da experiência no âmbito do que está sendo

aqui tratado diz respeito ao autoconhecimento, uma vez que experiência é vivência, e representa transformação no modo de conceber o mundo. É nesse aspecto que o conhecimento associado à experiência, através de uma processualidade hermenêutica, pode transformar-se em construção de sentido para o ser humano, para o intérprete que compreende uma obra de arte. É assim que Palmer se refere ao tema:

Portanto, ler uma obra não é adquirir conhecimento conceptual por meio da observação ou da reflexão; é uma experiência, uma ruptura e um alargamento do nosso antigo modo de ver as coisas. Não foi o intérprete que manipulou a obra, pois esta mantém-se fixa; foi antes a obra que o marcou, mudando-o de tal modo que ele nunca mais pode recuperar a inocência que perdeu com a experiência (PALMER, 2011, p. 250).

Compagnon escreveu *Literatura para quê?* (2012), pequeno livro em que apresenta uma síntese do que a instituição acadêmica francesa, na voz de seus mais destacados críticos, estabeleceu como critério de valor e julgamento a respeito da atividade de criação literária. Esse professor se propõe as mesmas e eternas questões sobre a literatura, como por exemplo: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola?” (COMPAGNON, 2012, p. 56). E acentua a existência de uma crise atual da literatura na escola, na imprensa, na situação da vida em geral. Mas dá continuidade ao texto fazendo um amplo e significativo elogio da literatura: “É tempo de se fazer novamente o elogio da literatura, de protegê-la da depreciação na escola e no mundo” (COMPAGNON, 2012, p. 56). E avança em suas observações e em seu elogio, a partir da proposição de Italo Calvino (1993), de que “há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar”.

Assim, para concluir sobre o tema do conhecimento associado à literatura, buscando ainda adiantar alguma possível especificidade que o caracteriza e que Calvino enunciara, aponto as ideias de experiência, intuição, inspiração, subjetividade, autoconstituição, autoconhecimento, como elementos característicos do que poderia ser designado como o conhecimento específico veiculado pelo texto literário. Porém, embora a disciplina de estética volte-se para o conhecimento inerente às artes, essa concepção de conhecimento não racional, difícil de delimitar, talvez dependente de forças maiores, ainda é um tema polêmico, necessitando, inclusive, estabelecer o seu estatuto enquanto tal.

2 “A condição hermenêutica” e a busca de sentido

Uma das formas de explicar a realidade é através da perspectiva realista. A outra, através do idealismo. A primeira, considera que há uma independência do objeto em relação ao sujeito cognoscente. A segunda afirma o primado do pensamento sobre a realidade. Para ambas, a verdade obedece a um princípio de adequação, seja como correspondência, representação, seja como adequação do objeto (BOTTIROLI, 2006).

A hermenêutica se diferencia dessas duas formas de ver o mundo, pois se volta para os problemas da interpretação. Na hermenêutica antiga tratava-se, entre outros aspectos, de traduzir as mensagens divinas, enquanto que, na Idade Média, tornou-se o modo de exegese dos textos bíblicos. A partir do momento em que é secularizada, torna-se um problema filosófico. Não é mais uma norma para compreender os textos religiosos, mas um exercício para compreender todos os textos. A hermenêutica ou a interpretação constitui um método para conhecer textos, objetos constituídos de sentido, diferentemente do que ocorre nas ciências naturais, em que o objeto de estudo são os fenômenos da natureza.

Heidegger foi o filósofo que deu os contornos da concepção contemporânea da hermenêutica. A partir dele várias perspectivas filosóficas se desenvolveram, todas de base interpretativa. Para ele, tanto o realismo como o idealismo entendem o conhecimento como uma relação ôntica e não ontológica, pois considera que conhecimento é um modo de estar no mundo, e ser e mundo não estão separados.

A interpretação não se limita a reproduzir uma forma ou conteúdo inicial, ela é uma elaboração, um desenvolvimento criativo. Também, a interpretação não é uma opinião, não é um juízo ou um capricho subjetivo, é antes, articulação. Por fim, a interpretação não é mimética, admite a voz do outro, é um processo de escuta, ela não produz fatos, produz sentido (PAREYSON, 2005).

Ainda no intuito de explicitar o que o termo hermenêutico pode abranger, e justificar as razões pelas quais proponho que a atitude hermenêutica constitui um caminho afiançável para os estudos de literatura, apresento mais algumas reflexões elaboradas por Filippo Secchieri e publicadas na revista de *Ermeneutica Letteraria*², sob o título de “A condição hermenêutica”, que utilizo aqui também como subtítulo.

² As ideias aqui referidas são retiradas do texto em italiano. Constituem uma livre tradução e interpretação minhas.

Apresento algumas das ideias desenvolvidas pelo autor e, em seguida, busco tecer comentários sobre as mesmas para, enfim, articular o tema com o propósito do texto, que é a reflexão sobre os estudos de literatura. Segundo o autor, hermenêutico é o espaço que se desenvolve naturalmente durante a leitura de um texto literário. Mas não é de uma leitura superficial que se trata. Para caracterizar-se como espaço hermenêutico, é necessário que internamente os leitores ou fruidores se reconheçam agindo de uma ou de outra forma. A condição que no ato de ler se torna manifesta é, então, a de um fazer e de uma utilização do texto que não necessariamente seja preestabelecida, mas que surge com a própria linguagem, a partir de uma relação de estreita inerência.

Conforme o autor, “não se pode não interpretar”, e colocar-se contrário à hermenêutica equivale a ignorar uma prática ordinária das inúmeras atividades que têm o texto como objeto. Nenhum sentido, assim como nenhuma validação de sentido, pode dar-se fora da interpretação que os constitui, garantindo, inclusive, a sua condição de obra, de ser constituída como tal. Refere-se ainda às ideias de deriva, indeterminação, evasão, que perpassam a busca generativa da significação textual, como as mais importantes características da experiência literária.

Não se dá escritura, nem autêntica leitura senão ao longo do produzir-se uma deriva, de uma trajetória assintótica que é própria do domínio hermenêutico e contribui para reforçar o aspecto crucial de toda a atividade cognitiva.

Sentidos e significados não se encontram antes ou depois, ou em hipotético fundo da palavra, mas em um entre, no momento mesmo em que a palavra é dita e escutada, afirmando-se, assim, a hermenêutica como condição do “ser-aí” heideggeriano. O ato interpretativo é um “ser-já-aí”, constituído pelo próprio ato de interpretar.

Mais do que uma disciplina do pensamento e das práxis, a hermenêutica é uma originária maneira de ser entre e as outras coisas, pois, interpretando se está necessariamente entre os outros, na situacionalidade fundadora de objetos e indivíduos. Na dimensão hermenêutica, o quase, simétrico ao como, termina por suplantando qualquer postulação de certeza, mas marca uma situação relacional. Cada vez em que alguém se acerca de um texto, mesmo a simples descrição de seus aspectos de superfície, faz aparecer a natureza hermenêutica desse operar.

Secchieri refere-se ainda a críticas ao papel redutor que alguns veem na hermenêutica, visto que não há qualquer compreensão virgem, ou seja, não inscrita em alguma forma específica de pré-compreensão, com todos os seus condicionamentos

existentes e da qual seria ilusório pretender sair de uma vez por todas. Todavia, adverte que o ato hermenêutico não se resume a remodelar à nossa própria imagem cada afloramento de sentido. Considerada a inatingibilidade da vontade autoral, mesmo quando expressa no texto, ou em seus entornos, seria necessário pontuar uma adequação entre a intenção do leitor e de seu *modus operandi* com a intenção da obra, a única que pode ser reconstruída. A interação hermenêutica permite uma melhor aproximação da alteridade da obra, na sempre lembrada fusão de horizontes gadameriana.

A perspectiva teórica desse autor é fundamental para o desenvolvimento de uma das proposições iniciais apresentadas neste artigo, relacionada à utilização da perspectiva hermenêutica para a compreensão e interpretação dos textos. Ao intentar realizar uma reflexão sobre o sentido vinculado aos textos literários, é necessário reportar-se aos estudos hermenêuticos.

Chamo a atenção para aspectos relevantes já referidos: a ideia de deriva, de incerteza, de indeterminação que ronda a processualidade hermenêutica. Além disso, enfatizo o fato de que é uma atividade interminável, restando sempre algum resquício de sentido que não foi ainda alcançado. Valer-se dela significa abrir-se para a alteridade do texto literário através de um rigoroso procedimento de escuta. Ainda, a sistematicidade, a certeza, a objetividade, a cientificidade não combinam com a condição hermenêutica, que é basicamente conjectural e relacional. Predominam, no processo hermenêutico, as ideias de infinitude, incerteza e ainda a perspectiva de um fazer; esta última, voltada para o processo em si mesmo, enquanto valor, está muito próxima da vivência e da experiência propiciadoras de sentido. Levar em conta tais aspectos significa propor práticas de leitura muito diferentes das que vêm sendo valorizadas nos diversos âmbitos institucionais.

Os estudos da hermenêutica constituem um campo muito amplo e complexo, mas podem contribuir de modo profícuo, válido e instigante para o entendimento da literatura. Ela funciona como pensamento filosófico, que pode balizar a prática da leitura e da crítica literárias.

Além disso, hoje, pode-se considerar a hermenêutica como uma prática não autoritária, porquanto não está mais em jogo a leitura correta de textos religiosos, mas a compreensão e a interpretação de qualquer texto, especialmente aqueles que são designados de literários, ficcionais, pois são carregados de simbologias que precisam ser reveladas ou desveladas. Acima de tudo, a hermenêutica constitui um ponto de vista, um posicionamento diante da tarefa de entender um texto.

Considerações finais

Gadamer, em *Verdade e método* (2005), postula a ideia de que é necessário revisar o posicionamento moderno que privilegia a conduta objetiva das ciências humanas. Esse fato, que exige um distanciamento do indivíduo em relação ao contexto, ao texto, produz também um distanciamento alienante do indivíduo com relação ao sentimento de pertencer a um mundo. Ele leva adiante a ideia de que a experiência estética é a verdadeira experiência que transforma quem a vive e que não pode ser sonogada, como o foi na modernidade, pela perspectiva de distanciamento necessária a toda teoria que se pretendesse séria.

No âmbito da área de Letras, porém, essa ideia é bastante questionada, pois, como todos sabem, há uma forte tendência teórica de justificar cientificamente a prática acadêmica relacionada aos estudos literários. Defendo que essa prática, hermenêutica, não pode se pretender científica, mas pode ser coerente, erudita e significativa para quem a empreende, sejam alunos ou professores.

Considerando que a leitura de textos literários constitui uma porta de acesso ao mundo das letras, seja no âmbito da leitura apenas, seja no da escrita e da interpretação, e considerando que os dados das pesquisas oficiais estão a indicar uma incrível defasagem e insuficiência em termos de alfabetização plena, cabe analisar o quadro existente.

Não parece necessário transcrever aqui dados quantitativos desse tipo de pesquisas, por serem demais conhecidos pelos profissionais da área de Letras. Mas, a que se deve essa carência no contexto da leitura? Estariam os cursos de graduação em Letras propiciando a possibilidade de desenvolvimento de habilidades e do gosto, não do hábito, pela leitura? Se o aluno de Letras pouco lê, e pouco escreve, conforme depoimentos frequentes de alunos, como poderá desenvolver, em sua futura profissão, uma prática eficaz no que se refere à leitura e à escrita? Parece concentrar-se aí algo mais profundo, ligado ao estatuto, ao valor, ao sentido que se atribui à literatura no contexto atual. Por isso, não é só de uma análise a respeito da prática acadêmica o que se carece, mas também, de uma reflexão em termos de reavaliar ou repropor estudos sobre a natureza, o papel, as funções que podem ser atribuídas à Literatura. Nesse aspecto, um olhar mais atento aos sentidos veiculados pelo texto literário pode fazer a diferença para a formação de leitores, enquanto professores ou alunos.

REFERÊNCIAS

- BOTTIROLI, Giovanni. *Che cos'è la teoria della letteratura*. Torino: Einaudi, 2006.
- BRUNER, Jerome. *La cultura dell'educazione*. Nuovi orizzonti per la scuola, Milano: Feltrinelli, 1997.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2012.
- FORSTER. E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.
- GADAMER, H. G. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- PAREYSON, L. *Verdade e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PLATONE. *Tutti gli scritti*. Milano: Rusconi, 1996.
- SECCHIERI, Filippo. Sulla condizione ermeneutica. *Ermeneutica Letteraria*. Pisa-Roma, v.1, 2005.
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Data de submissão: 18/04/2015

Data de aprovação: 19/05/2015